

Educação física na educação infantil: estratégias para promover a aprendizagem autorregulada

Physical education in early childhood education: strategies to promote self-regulated learning

Luciana Toaldo Gentilini Avila¹
Lourdes Maria Bragagnolo Frison²

Resumo

As mudanças acompanhadas no século XXI exigem, no campo da educação, que os alunos saiam da escola possuidores de múltiplos saberes e autônomos nas suas aprendizagens. Para isso a escola precisa ensinar aos alunos, além dos conteúdos das disciplinas, estratégias de como autorregular as suas aprendizagens ao longo da vida. Desta forma, o objetivo dessa pesquisa foi analisar se uma intervenção proposta na disciplina de Educação Física oferecida às crianças da Educação Infantil poderia ajudar na promoção da autorregulação da aprendizagem. A pesquisa se caracterizou como um estudo de caso de uma intervenção realizada por uma professora de Educação Física a uma turma de Educação Infantil. Na intervenção, a professora trabalhou os conteúdos específicos da disciplina e promoveu o ensino de estratégias de aprendizagem. Após análise dos dados coletados, pode-se observar que a intervenção contribuiu para a autorregulação das aprendizagens dos alunos envolvidos.

Palavras-chave: Aprendizagem. Educação física. Educação infantil. Estratégias de aprendizagem.

Abstract

The changes witnessed in the 21st century require for that students leave school having acquired multiple knowledge structures and being autonomous in their learning. In order to achieve that, the school needs to teach students beyond the content of the subjects, and strategies for self-regulating their learning throughout life. Thus, the purpose of this study was to analyze a proposed intervention in the Physical Education lessons offered to Kindergarten students that could help in promoting self-regulated learning. The research proposal was regarded as a case study of an intervention performed by a Physical Education teacher at a preschool classroom. In the intervention, the teacher worked the specific contents of the subject and promoted the teaching of learning strategies. After analyzing the data collected, it can be observed that the intervention contributed to the self-regulated learning of the students.

Keywords: Learning. Physical education. Early childhood education. Strategies learning.

¹ Professora, Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio. Pelotas, RS, Brasil.

² Professora Doutora, Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. R. Alberto Rosa, 154, 96101-770, Pelotas, RS, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: L.M.B. FRISON. E-mail: <lfrison@terra.com.br>.

Introdução

"É de pequenino que se autorregula o destino"

(Rosário *et al.*, 2007a, p.290)

As mudanças globais configuradas no século XXI atingem não só o plano econômico, o político e o cultural, mas também o educacional. No plano educacional, uma das maiores mudanças ocorridas diz respeito à necessidade de hoje os alunos precisarem ser formados para viver em um mundo global, o que implica no investimento de conhecimentos específicos de cada disciplina transmitidos pela escola (Melo *et al.*, 2011).

Dias e Veiga Simão (2007) colocam que os alunos atualmente precisam, ao sair da escola, possuir conhecimentos múltiplos e ser autônomos para saber aprender ao longo da vida. Assim, torna-se importante oferecer esses saberes para além dos conteúdos disciplinares. É preciso proporcionar também o ensino de estratégias de aprendizagem com as quais o aluno pode aprender a desempenhar um papel mais ativo na sua aprendizagem.

A preocupação com o ensino de estratégias de aprendizagem na escola não deve ocorrer apenas nas séries finais da Educação Básica. Elas podem ser trabalhadas desde a Educação Infantil, conforme destaca Frison (2008, p.219) ao esclarecer que a Educação Infantil pode ser oferecida como um espaço de aprendizagens significativas em que "[...] a criança precisa ter a oportunidade de desenvolver suas habilidades e competências em condições educativas apropriadas, favorecedoras do desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades".

Essa forma de olhar para a Educação Infantil se difere da maneira apresentada quando essa começou a ser oferecida no século XIX no Brasil. A única preocupação nesse século era a ocupação do tempo livre das crianças, as quais iam para instituições de cunho assistencialista brincar pelo brincar (Kulmann Júnior, 2000).

Hoje, percebe-se que essa visão se modificou. A Educação Infantil é prevista na legislação

brasileira através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de nº 9.394/1996, tendo como um dos objetivos mais importantes contribuir com o desenvolvimento integral do educando (Brasil, 1996).

Dessa forma a promoção de uma aprendizagem significativa dos conteúdos escolares desde a infância pode acontecer através de aulas que estimulem a autorregulação da aprendizagem. A autorregulação da aprendizagem pode ser definida como "[...] a competência do sujeito de realizar ajustamentos no processo de aprendizagem em resposta as suas percepções de *feedback* e de progressão na aprendizagem" (Rosário *et al.*, 2007a, p.283). Ou seja, uma construção de capacidades pelo indivíduo para desenvolver e direcionar estratégias diante de tarefas e desafios encontrados durante o percurso da aprendizagem.

O processo autorregulatório de aprendizagem pode ser explicado a partir de um modelo cíclico denominado de Modelo de Planejamento, Execução e Avaliação (PLEA). Esse modelo é composto por três fases: planejamento, execução e avaliação (Rosário, 2002; Rosário *et al.*, 2003; Rosário *et al.*, 2004; Rosário *et al.*, 2007b). Na fase de planejamento, os alunos realizam a análise da tarefa, a verificação dos recursos físicos e ambientais disponíveis, o estabelecimento de objetivos e um plano para alcançar a meta estabelecida. Na fase de execução, as estratégias de aprendizagem são executadas com a finalidade de se chegar ao objetivo proposto. E, por último, a fase de avaliação é o momento em que o aluno analisa se o objetivo foi alcançado e formula novas estratégias, caso a meta não tenha sido alcançada.

Para a construção de uma aprendizagem autorregulada torna-se importante promover, durante o processo de ensino, um espaço de participação autônoma, ativa e planejada do aluno, assim como proporcionar o ensino e a utilização de estratégias durante esse processo (Frison & Schwartz, 2008). Estas estratégias podem ser ensinadas através dos conteúdos específicos de cada disciplina, como também de atividades ou intervenções intencionais.

As estratégias de aprendizagem podem ser definidas:

[...] como processos de tomada de decisão (conscientes e intencionais) pelos quais o(a) aluno(a) escolhe ou recupera, os conhecimentos de que necessita para completar um determinado pedido ou objetivo, dependendo das características da situação educativa na qual se produz a ação (Frison & Schwartz, 2008, p.371).

Quanto mais cedo estratégias autorregulatórias de aprendizagem forem adicionadas ao ensino das crianças, mais disponibilidade de tempo elas terão para utilizar os processos regulatórios de aprendizagem e beneficiar-se com a aquisição de conhecimentos futuros.

Uma das disciplinas, integrada à proposta pedagógica da escola, que pode ajudar no ensino de estratégias de aprendizagem desde a Educação Infantil é a Educação Física. Uma das maneiras de como esse processo de ensino de estratégias pode acontecer é a de o professor de Educação Física promover, paralelo ao ensino dos conteúdos específicos da disciplina, o ensino de estratégias de aprendizagem por meio de brincadeiras e jogos pedagógicos.

O motivo de se utilizar as brincadeiras e jogos para o ensino de estratégias de aprendizagem na Educação Infantil é que esses são os meios mais fáceis de o professor de Educação Física atender às características cognitivas, sociais e motoras, apresentadas pelas crianças desse nível de escolarização. A ação do brincar oportuniza às crianças evoluírem para comportamentos superiores, em relação aos comportamentos já apresentados, através do desenvolvimento da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)³. Assim como é a partir das brincadeiras que a criança poderá adquirir “[...] seu nível básico de ação real e moralidade” (Vygotsky, 2003, p.131) e ter a chance de desenvolver o sentido de autonomia nas suas ações (Martins, 2009).

De acordo com Dias e Veiga Simão (2007), apesar de o ensino para uma aprendizagem autorregulada poder ser desenvolvido desde a Educação Infantil, poucas pesquisas têm se preocupado em investigar esse tema. Uma das razões é que alguns estudiosos alegam existir dificuldades na articulação dos processos cognitivos e metacognitivos das crianças, os quais são atributos essenciais em uma ação autorregulada para aprender (Rosário *et al.*, 2007a). Dessa forma, este artigo teve como objetivo analisar se uma intervenção proposta na disciplina de Educação Física oferecida às crianças da Educação Infantil poderia ajudar na promoção da autorregulação da aprendizagem. As justificativas para a realização desse estudo foram de ampliar a escassa literatura existente sobre a aprendizagem autorregulada em crianças e mostrar uma possibilidade de as aulas de Educação Física serem mais significativas para os alunos.

Métodos

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, que utilizou ferramentas metodológicas do tipo de pesquisa estudo de caso. De acordo com Gil (2010), este tipo de estudo permite um amplo e detalhado conhecimento sobre o objeto pesquisado. Em relação ao objeto pesquisado, trata-se de uma intervenção oferecida a uma turma de Educação Infantil realizada por uma professora de Educação Física, que lecionava na Educação Infantil pelo menos há dois anos.

O interesse em promover essa intervenção ocorreu com o intuito de tornar mais significativos os conteúdos trabalhados com os alunos durante as aulas e também de promover uma aprendizagem autorregulada. A construção da intervenção teve o apoio dos membros do Grupo de Estudos e Pesquisa da Aprendizagem Autorregulada (GEPAAAR), da Faculdade de Educação da Universidade Federal

³ Conforme Rego (2004, p.73), a ZDP pode ser entendida como a distância entre o que a criança já consegue fazer sozinha “[...] de forma autônoma (nível de desenvolvimento real)” e o “[...] que ela realiza com os outros elementos de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial)”.

de Pelotas, que uma vez por semana a auxiliavam na elaboração das aulas.

Os sujeitos escolhidos para participarem da intervenção pertenciam a uma turma de uma escola da rede privada da Educação Infantil localizada na cidade de Pelotas (RS). A turma era composta por 12 crianças, sendo 5 meninas e 7 meninos, com idade entre 5 e 6 anos.

Intervenção

A intervenção ocorreu durante os meses de outubro a dezembro de 2011. No total foram oferecidas dez aulas semanais de uma hora cada. Os espaços disponíveis e utilizados para a aplicação das aulas foram uma sala coberta e o pátio da escola utilizado para as atividades práticas da aula.

De acordo com os procedimentos utilizados, a intervenção foi dividida em três momentos principais. No primeiro momento da intervenção, a professora e os alunos construíram o planejamento de todos os conteúdos a serem trabalhados durante as aulas. Os conteúdos foram pré-selecionados pela professora antes da aula inicial (Tabela 1). A ordem dos conteúdos a serem trabalhados foi definida por meio de um sorteio, em que cada aluno retirou de uma caixa de papelão um papel que correspondia a um dos conteúdos presentes na tabela abaixo.

Também na primeira aula, foi confeccionado o caderno de planejamento, no qual os alunos puderam acompanhar, durante todas as aulas, os conteúdos a serem aprendidos e os já trabalhados.

O segundo momento da intervenção se caracterizou pela aplicação dos conteúdos sorteados para as oito aulas seguintes. Apesar de o planejamento ter sido elaborado pelos alunos com a mediação da professora, ela organizou com antecedência cada plano de aula. Sendo que, os planos eram flexíveis para atender às necessidades dos alunos no momento da aula.

Assim, os conteúdos selecionados foram organizados em oito planos de aula, os quais obedeceram a semelhante estrutura. Na primeira parte da aula, chamada de parte inicial, a professora relembra com os alunos os conteúdos trabalhados na aula anterior por meio de uma conversa ou de brincadeiras educativas. Logo após, visualizava e confirmava com a ajuda dos alunos no caderno de planejamento os conteúdos que correspondiam à aula do dia. A visualização do planejamento oportunizou às crianças lembrarem todas as atividades que seriam executadas.

Em seguida passava-se para a fase denominada de foco da aula. Nessa a professora e os alunos combinavam a ordem de execução das atividades do dia e o espaço mais adequado (a sala coberta ou o pátio) para isso ocorrer. As atividades foram desenvolvidas com brincadeiras, algumas planejadas pela professora e outras partiam das experiências dos próprios alunos. As brincadeiras foram realizadas com a intenção de estimular a construção de capacidades que ajudassem no desenvolvimento dos alunos e também de direcionar a criação de estratégias pelos mesmos para solucionar os problemas ocorridos durante a brincadeira.

Em algumas atividades correspondentes a cada conteúdo, a professora explicou e demonstrou aos alunos uma das formas de se fazer o movimento. Posteriormente, provocava que eles criassem novas formas de se realizar esse mesmo de forma autônoma, dando liberdade de escolherem o espaço do pátio que utilizariam e o material que achassem mais adequado. Esta liberdade permitida às crianças durante algumas atividades foi proposta com o objetivo de os alunos exercerem um controle

Tabela 1. Lista de conteúdos sorteados pelos alunos.

Conteúdos Específicos	Conteúdos Paralelos
Equilíbrio estático e dinâmico	Cores
Rebater	Partes do corpo
Rodar o bambolê	Movimento dos animais
Arremesso	Alimentação
Pulo	Esportes
Salto	
Chute	
Corrida	
Rolinho	

mais ativo na tarefa, no sentido de tomarem decisões e serem autônomos para criarem os seus próprios movimentos.

Após todas as atividades planejadas terem sido aplicadas, havia o momento de finalização da aula, em que era realizada uma conversa com os alunos, no sentido de fazer uma avaliação das atividades da aula. Este momento teve o objetivo de proporcionar aos alunos a tomada de consciência do que se tinha aprendido e também se era necessário fazer modificações nas atividades da aula.

E, por fim, após nove encontros, aconteceu o último momento da intervenção, que se constitui de uma avaliação geral feita pelos alunos de todas as aulas aplicadas. Com a intenção de contextualizar o momento da avaliação, a professora apresentou as fotos registradas durante as aulas da intervenção.

Instrumentos de coleta de dados

A escolha dos instrumentos utilizados para a coleta de dados levou em consideração o objetivo do estudo. Os instrumentos foram um diário de campo construído pela professora, fotos tiradas durante a realização das atividades na aula e a realização de uma entrevista de Grupo Focal (GF) na última aula.

No diário de campo, a professora registrava, no momento final de todos os encontros (aulas), as ações das crianças durante a realização das atividades propostas que caracterizavam um comportamento autorregulado para aprender. Todos esses registros foram analisados e classificados em uma tabela de observações (Tabela 2), construída com base nos instrumentos utilizados no estudo de Rosário *et al.* (2007a). No presente estudo, esse instrumento teve o objetivo de identificar se as crianças realizavam as fases do processo autorregulatório para aprender do modelo em que a criança Planifica, Executa e Avalia as atividades que realiza.

Justifica-se a construção da Tabela 2 uma vez que, segundo Rosário *et al.* (2007a), quando a

criança participa do planejamento de suas ações, monitora a execução da tarefa e se autoavalia através da tomada de consciência do que fez e das possíveis alterações que pode fazer caso não alcance os objetivos, tem a oportunidade de aumentar seu grau de autorregulação.

As fotos tiradas durante as aulas foram apresentadas através de um monitor de computador com o programa *Microsoft Office PowerPoint*. Na oportunidade utilizou-se a entrevista GF para coletar os depoimentos das crianças sobre o trabalho realizado (Gomes & Barboza, 1999). A entrevista durou 45 minutos e contou com a presença de todos os alunos e da professora. A função da professora foi de moderadora da entrevista. Assim ela levantou questões, previamente planejadas, de acordo com os objetivos do GF, incentivou a participação de todos e conduziu a discussão de modo que essa se mantivesse dentro do planejado.

O Grupo Focal foi pensado para finalizar a intervenção no sentido de criar um ambiente propício para as crianças refletirem sobre o que fizeram nas aulas. Serviu também para se identificar através das falas dos alunos pontos que podem não ter sido observados durante a intervenção e escritos no diário de campo. Toda entrevista foi gravada através de um gravador de áudio e, em seguida, após a transcrição da mesma, fez-se análise do conteúdo das falas dos alunos, identificando principalmente as fases do modelo em que o aluno Planifica, Executa e Avalia as atividades que realiza.

Tabela 2. Tabela de observação dos alunos, analisando as três fases do PLEA (planejamento, execução e avaliação).

Fase do PLEA	Avaliação
Planejamento	- Trouxe experiências prévias antes de iniciar a tarefa? Planejou o que ia fazer antes de começar a atividade?
Execução	- Organizou o material para executar a tarefa? Monitorou a tarefa?
Avaliação	- Tomou consciência do que foi realizado? Assinalou alterações que faria se pudesse refazer a tarefa?

Resultados

Após a coleta de dados procedeu-se a análise dos resultados auferidos através dos instrumentos utilizados, como a tabela de observação dos alunos (Tabela 2) e a entrevista de GF, analisando as fases do modelo PLEA acrescentadas aos domínios que compõem um comportamento autorregulado (Veiga Simão,

2010). O conjunto dessa análise pode ser observado na Tabela 3.

Conforme Veiga Simão (2010), os domínios que caracterizam um comportamento autorregulado são o *cognitivo*, que corresponde à organização feita pelo indivíduo ao receber a informação, a focar a sua atenção na tarefa, a fazer esforço para entender o conteúdo, a resolver

Tabela 3. Tabela de resultados das fases do PLEA e dos domínios que compõem uma aprendizagem autorregulada.

Domínios PLEA	Cognitivo (metacognitivo)	Motivacional	Comportamental	Contextual
Planejamento	Trouxeram experiências prévias.	Criaram estratégias para chegar à meta.	Criaram novas formas de movimento.	Estabeleceram regras para as atividades.
	Planejaram as atividades antes de executá-las.	Comprometeram-se com o caderno de planejamento.	Pediram ajuda quando sentiram dificuldade.	Organizaram o espaço para a aula.
	Escolheram a ordem dos conteúdos da aula.			
Execução	Buscaram ajuda quando necessário.	Comprometeram-se com os objetivos da aula.	Assumiram as regras estabelecidas até o final da atividade.	Monitoraram as atividades.
	Modificaram as atividades quando permitido.	Envolveram-se com as atividades propostas.	Construíram junto com os colegas e a professora muitas atividades.	Mostraram responsabilidade com o material e o cumprimento do conteúdo da aula.
	Buscaram novas experiências com o material disponível em aula.	Eliminaram distratores.	Ajudaram os colegas com dificuldades.	Organizaram o material para a aula continuar.
	Executaram estratégias próprias para alcançar a meta estabelecida.	Demonstraram vontade para executar as atividades e persistir na aprendizagem.	Envolveram-se espontaneamente na tarefa trazendo contribuições.	
	Monitoram o grau de dificuldade da tarefa.			
	Eram atentos às explicações das atividades.			
Avaliação	Sugeriram modificações para as atividades.	Recordaram as combinações estabelecidas e cobraram da professora.	Avaliaram o grau de esforço de cada atividade.	Concordaram ou não com as propostas apresentadas.
	Compararam as atividades aprendidas com aquelas já conhecidas previamente.	Tomaram consciência do porquê se deve aprender os conteúdos.	Mostraram consciência sobre as atividades que necessitavam de mais esforço do que aquelas mais fáceis.	Avaliaram o melhor lugar para executar cada atividade.
	Ao final das aulas lembraram quais atividades tinham sido realizadas.	Modificaram atividades para torná-las mais desafiadoras.	Avaliaram a competência que tinham ou não para cada atividade.	Avaliaram e refletiram sobre coisas que não podiam mais acontecer na aula.
	Avaliaram e replanejaram as atividades.			
	Avaliaram seu desempenho na tarefa e o desempenho dos colegas também.		Alteraram estratégias de movimento para atingir a meta.	

PLEA: Planejamento, Execução e Avaliação.

problemas e selecionar recursos frente às dificuldades. O *metacognitivo*, que se caracteriza pela seleção de estratégias de acordo com a demanda da tarefa e a autoavaliação que o sujeito faz do resultado obtido de acordo com o objetivo previamente proposto. O *motivacional*, em que o indivíduo estabelece metas e expectativas e compromete-se com a conclusão da tarefa. O *comportamental* que corresponde à administração do tempo e esforço face às dificuldades que o indivíduo encontra. E, por último, o *contextual*, que se caracteriza pela compreensão da demanda da tarefa e, a partir disso, pelo esforço para cumprir a meta em um tempo previamente estabelecido.

De acordo com os dados (Tabela 3), pode-se observar que a intervenção com a disciplina de Educação Física, proposta aos alunos da Educação Infantil, contribuiu para a autorregulação do comportamento, uma vez que os alunos se comprometeram com a meta proposta, a qual foi aprender os conteúdos planejados no caderno de planejamento.

Também, analisando alguns registros do diário de campo das aulas, notou-se um progresso no comportamento dos alunos em relação às características de um comportamento autorregulado. No início da intervenção os alunos não participavam espontaneamente da criação das atividades, conseguiam se distrair com facilidade do foco da aula e mostravam-se ansiosos para saber as próximas brincadeiras da aula. Porém, com o passar das aulas, os alunos foram modificando esses comportamentos, fato que favoreceu o processo de aprendizagem dessas crianças.

A estratégia utilizada pela professora de desenvolver os conteúdos da disciplina por meio de brincadeiras pedagógicas foi muito positiva. Uma vez que através delas os alunos tiveram a chance de criar as suas próprias metas de aprendizado para alcançarem os objetivos traçados, o que demonstra indícios de um comportamento autorregulado que vai sendo construído desde a infância.

Fato relevante foi que a maioria dos alunos participou ativamente das aulas, realizando as

brincadeiras propostas e contribuindo na construção de outras. Assim como quando não se sentiam competentes para realizar determinadas brincadeiras pediam ajuda à professora ou a um colega mais experiente.

Em relação aos resultados da entrevista de GF, além de os alunos terem avaliado o trabalho realizado pela professora durante as aulas, reforçaram aqueles comportamentos já observados na tabela de resultados (Tabela 3). Esse instrumento foi uma ferramenta importante utilizada para registrar através de fotos os desempenhos dos alunos, o que permitiu lembrá-los das aulas anteriores, realizando uma autorreflexão sobre o processo vivido.

Em uma das primeiras perguntas, a professora questionou as crianças sobre o porquê de se fazer o planejamento das aulas. Um aluno respondeu: *"Para sabermos o que vamos fazer nas aulas de Educação Física"*. Com essa resposta, pode-se perceber que ele entendeu a importância dessa programação.

No decorrer da entrevista, os alunos mostraram saber todos os movimentos que foram programados para eles aprenderem durante as aulas. Sendo que, quando o nome específico do movimento não era lembrado, eles demonstravam com o próprio corpo: *"Como que vocês fizeram para pular em uma corda alta?"* (Professora), *"A gente fez assim oh!"* (Aluno) - o aluno demonstrou para todos os colegas e para a professora o movimento de pular flexionando os joelhos e logo após os estendendo.

Também falaram de como as atividades tinham sido executadas na aula: *"O que a gente fez nessa brincadeira?"* (Professora), *"A gente tinha que arremessar a bolinha para tirar o alimento de dentro da caixa"* (Aluna). E das modificações que tinham sido combinadas nas tarefas, como, por exemplo: *"Por que a gente brincou dentro da sala?"* (Professora) e os alunos responderam: *"Porque estava chovendo"*.

A professora perguntou aos alunos se eles costumavam utilizar os conteúdos aprendidos em

aula em outros espaços. Por exemplo: "Vocês estão se alimentando melhor?" (Professora), "Eu como fruta e doce" (Aluno 1), "Eu como arroz, feijão, carne, melancia e tudo mais" (Aluno 2), "Eu como fruta todos os dias e toda a minha comida" (Aluno 3).

Em vários momentos da entrevista, os alunos monitoravam as fotos procurando aonde estavam. No momento em que não se encontraram logo se lembravam do motivo e falavam: "Tia eu acho que eu não vim" (Aluno). Ou seja, lembrava que não estava presente naquele dia de aula. Também foram capazes de avaliarem o grau de dificuldade das tarefas. Aluna: "A cobrinha é bem fácil". Professora: "Por quê?" Aluno: "É só pular".

Os alunos realçaram aspectos utilizados nas estratégias para atingir o objetivo da brincadeira: Professora: "O que tinha que fazer nessa brincadeira da dança das cadeiras, em que eu tirava as cadeiras ao invés de tirar um aluno?" Aluna 1: "Tinha que sentar mais rápido". Aluna 2: "Tinha que sentar no colo do outro".

Apesar das perguntas relacionadas às fotos das atividades realizadas pelos alunos nas aulas terem sido respondidas com facilidade por todos, aquelas correspondentes a fatos sem relação com as experiências anteriores dos alunos nas aulas foram respondidas com dificuldade, como, por exemplo, a pergunta sobre a importância das aulas de Educação Física para as crianças.

Dessa forma, a entrevista foi importante para confirmar os achados encontrados na tabela de resultado (Tabela 3) e também para avaliar o quão positiva foi a intervenção promovida pela professora. Sendo assim, o conjunto dos resultados analisados da intervenção sobre as ações e exertos dos alunos durante as aulas forneceu evidências de que essas crianças conseguiram autorregular seus comportamentos para aprender.

Discussão e Conclusão

O objetivo deste artigo foi analisar se uma intervenção proposta na disciplina de Educação Física oferecida a crianças da Educação Infantil

poderia ajudar na promoção da autorregulação da aprendizagem. Após a análise dos resultados percebeu-se que as atividades encaminhadas nas aulas promoveram comportamentos autorregulados nos alunos para aprenderem os conteúdos.

Confirmou-se, através da literatura, que alguns pontos durante as aulas da intervenção foram de fundamental importância para que os comportamentos autorregulatórios para aprender fossem facilitados. A questão de a professora ter oportunizado às crianças participarem ativamente do processo de planejamento dos conteúdos permitiu que os alunos fossem mais ativos de sua aprendizagem deixando ao professor o papel de mediador desse processo.

Outro fato bastante observado durante a intervenção foi a utilização de estratégias de aprendizagem utilizadas pelas crianças com a intenção de alcançarem a meta estabelecida na brincadeira. O uso de estratégias é uma forte característica de um comportamento autorregulado, que pode ser facilitado se o professor orientar o aluno para estabelecer seus objetivos, organizar o tempo para a prática da tarefa, trabalhar em grupo, monitorizar a tarefa que esta fazendo, tomar decisões de forma autônoma, avaliando o processo realizado.

A estratégia mais utilizada pelas crianças durante essa intervenção foi o pedido de ajuda quando se julgavam pouco competentes para realizarem as atividades sozinhas e para modificarem as tarefas frente aos desafios para atingirem a meta. O comportamento de utilizar estratégias para alcançar os objetivos da tarefa demonstrou que, apesar da pouca idade que tinham, essas crianças conseguiram realizar um trabalho metacognitivo.

Observou-se que os alunos conseguiram autorregular seus comportamentos, porque foi permitido a esses exercerem autonomia e controle durante o processo de aprendizagem, assim como lhes foi dada orientação da professora para facilitar a compreensão das tarefas. Tanto o fato da orientação de alguém mais experiente, a ajuda da

professora, como a questão do exercício da autonomia e controle do aluno durante a aprendizagem são importantes porque permitem aos alunos testarem e utilizarem estratégias para aprender.

Ainda em relação às oportunidades proporcionadas nessa intervenção, o fato de se ter desenvolvido os conteúdos da disciplina através de brincadeiras educativas foi um fator positivo para a autorregulação da aprendizagem dos alunos, principalmente porque atenderam aos desejos e necessidades dessas crianças. Dessa forma, infere-se que as brincadeiras trabalhadas dentro da escola com uma intenção pedagógica podem ser consideradas estratégias de formar alunos autorregulados desde a Educação Infantil.

Sendo assim, esse estudo foi pioneiro em investigar a autorregulação da aprendizagem de crianças na disciplina de Educação Física. De acordo com os resultados encontrados, pode-se concluir que é possível começar desde cedo a promover a autorregulação da aprendizagem, não com o objetivo de se obter mudanças imediatas no comportamento, mas sim de se preparar as crianças para desenvolverem aprendizagens. Isto é, a autorregulação da aprendizagem promovida desde a pré-escola não é um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida. Sendo assim, deve haver uma preocupação dos professores com a capacidade de as crianças conseguirem operacionalizar as competências autorregulatórias e não de serem capazes de autorregular sua aprendizagem. Tendo em vista que o processo de autorregulação se expande com o desenvolvimento pessoal.

Em suma, afirma-se que os achados desse estudo contribuíram para ampliar a escassa literatura existente sobre a aprendizagem autorregulada em crianças, como também são um incentivo aos professores que trabalham na Educação Infantil, para organizarem aulas com o objetivo de tornar mais significativas as aprendizagens das crianças, contribuindo para a qualificação de suas aprendizagens.

Referências

- Brasil. Ministério da Educação. *Lei de diretrizes e bases da educação*. Brasília: MEC, 1996.
- Dias, D.; Veiga Simão, A. O conhecimento estratégico e a autorregulação do aprendente. In: Dias, D.; Veiga Simão, A. *Auto-regulação da aprendizagem*. Portugal: Educa, 2007. p.93-130.
- Frison, L. Portfólio na educação infantil. *Ciências e Letras*, n.43, p.213-227, 2008. Disponível em: <<http://www.fapa.com.br/cienciasletras>>. Acesso em: 10 out. 2011.
- Frison, L.; Schwartz, S. Aprendizagem auto-regulada e autonomia: articulações com o conceito de erro construtivo. In: Frison, L.; Schwartz, S. *Professores e alunos: aprendizagens significativas em comunidades de prática educativa*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2008. p.355-382.
- Gil, A. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- Gomes, M.; Barbosa, E. *A técnica de grupos focais para a obtenção de dados qualitativos*. 1999. Disponível em: <www.tecnologiadeprojetos.com.br>. Acesso em: 2 nov. 2011.
- Kulmann Júnior, M. Histórias da educação infantil brasileira. *Revista Brasileira de Educação*, n.14, p.5-14, 2000.
- Martins, I. *As relações do professor de educação infantil com a brincadeira: do brincar na rua ao brincar na escola*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.
- Melo, J. et al. Os desafios do professor e da escola brasileira no século XXI. *Inter Science Place*, v.4, n.17, p.173-185, 2011.
- Rego, T. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- Rosário, P. *(Des)venturas do testas: estórias sobre o estudar, histórias para estudar, narrativas autorregulatórias na sala de aula*. Porto: Porto Editora, 2002.
- Rosário, P. et al. Processos de auto-regulação da aprendizagem e a realização escolar no ensino básico. *Psicologia Educação Cultura*, v.8, n.1, p.131-144, 2004.
- Rosário, P. et al. De pequenino é que se auto-regula o destino. *Educação: Temas e Problemas*, n.2, v.4, p.281-293, 2007a.
- Rosário, P.; Nuñez, J.; Gonzáles-Pianda, J. *Auto-regulação em crianças sub-10: projecto Sarrilhos Amarelos*. Porto: Porto Editora, 2007b.
- Rosário, P.; Trigo, J.; Guimarães, C. Estórias para estudar, histórias sobre o estudar: narrativas auto-regulatórias na sala de aula. *Revista Portuguesa de Educação*, v.16, n.2, p.117-133, 2003.
- Veiga Simão, A. Making self-regulated learning visible. In: Veiga Simão, A. *Self-regulated learning in technology enhanced learning environments: problems and promises*. Barcelona: Stelaar-Raconet Conference Universitat, 2010. p.3-7.
- Vygotsky, L. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido em 9/4/2012 e aceito para publicação em 10/5/2012.

